

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TIJOLOS E ESPELHOS – O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)
PARTE II – DEPOIS DA REVOLUÇÃO
21 e 30 de Março de 2023

BOODAN YAA NABOODAN / 1998

“Ser ou Não Ser”

um filme de Kianoush Ayari

Realização, Argumento: Kianoush Ayari / Direcção de Fotografia: Parviz Malekzaade / Montagem: Kianoush Ayari / Som: Hassan Zahedi / Interpretação: Asal Badiiee (Anik Avanessian), Noor-Ali Lotfi, Chakameh Chamanmah, Shabnam Tolouei, Maryam Boubani, Lorik Minassian, Bita Baadraan, Farhad Sharifi, Katayoon Jahangiri, Nooredin Alami, Hossein Ilbeigi, Yadollah Teymouri, Hasan Kakhi, Jamal Hashemi.

Produtor: Kianoush Ayari (Irão, 1998) / Direcção de Produção: Hassan Agha Karimi / Cópia: em ficheiro, cor, falada em persa, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 90 minutos / Primeira Apresentação Pública: Dezembro de 1998, Cairo International Film Festival (Prémio de Melhor Argumento) / Título inglês: To Be or Not to Be / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Nascido em 1951 na cidade de Ahvaz, no sudoeste do Irão, onde no final dos anos cinquenta deflagrou o fogo nos poços de petróleo registados por Ebrahim Golestan em **Yek Atash/Um Fogo**, um dos magníficos filmes mostrado no início deste Ciclo, Kianoush Ayari começou por filmar em super 8 e realizar documentários, sendo apresentado por Ehsan Khoshbakht “como uma das figuras proeminentes do Cinema-ye Azad (Cinema Livre) no Irão, um movimento cinéfilo na produção cinematográfica amadora que emergiu no final dos anos 60 com o apoio do Estado.” Entre os seus filmes mais apreciados está **Abadani-ha**, que ganhou um Leopardo de Prata no Festival de Locarno de 1994, uma obra que tem a particularidade de se apresentar como uma recriação de **Ladri di Biciclette** (1948), de Vittorio De Sica, prestando assim uma homenagem ao neo-realismo italiano, que desde cedo Ayari venerou.

Conhecido pelo seu simultâneo apreço por um cinema realista e moderno, em **Boodan Yaa Naboodan**, longa-metragem datada já de 1998, Kianoush Ayari centra-se na história de uma jovem mulher cristã que necessita urgentemente de um transplante de coração, procurando convencer a família de um homem que foi morto durante a sua festa de casamento a fazer-lhe uma doação de órgãos. A história de base revela um argumento bastante intrincado – um homicídio no dia de um casamento associado à necessidade de um transplante, a que se soma a “concorrência” entre duas raparigas que precisam do mesmo coração e ambas tentam sensibilizar a família em luto do jovem muçulmano recém-falecido.

Assumindo um tom documental e uma câmara muito móvel, que acompanha de perto as personagens, **Boodan Yaa Naboodan** acaba por tocar um conjunto de questões com fortes implicações éticas, mas também sociais, culturais e religiosas. O confronto com tradição e a vertente mais conservadora da sociedade iraniana é visível em todas as dimensões do

filme, revelando-se desde o início do mesmo, quando percebemos que ao longo dos anos só se terão realizado seis transplantes de coração no Irão, por inexistência de doadores de órgãos face a listas de espera que não param de crescer. Uma vertente que se acentua quando percebemos que a protagonista é de origem arménia e é cristã e que tal será possivelmente um novo entrave para receber o coração de um jovem muçulmano, colocando-a em desvantagem face à outra rapariga na mesma situação. O facto de o realizador acrescentar à hipotética doação do órgão uma componente financeira ainda adensa mais a narrativa, adicionando uma nova camada à questão.

Se o filme conquistou os espectadores no Irão, tal deve-se certamente à excelente interpretação da protagonista (Asal Badeei no papel de Anik), assim como à assumida vertente documental do filme, em que se joga com o uso de diferentes tipos de imagens. À (sempre invisível) equipa que realiza efectivamente **Boodan Yaa Naboodan**, junta-se uma equipa de um canal televisão, que se apresenta em cena desde o primeiro momento e que conduz uma reportagem sobre o sucedido. Mas a essas “outras” imagens, juntam-se ainda novas imagens de um outro tipo: as captadas por uma câmara de vídeo amadora que nos permitem ver o episódio do casamento e o seu desfecho dramático em flashback. Imagens que ganham um carácter de verdade acrescida ao servirem de base a um inquérito policial, mas que são ao mesmo tempo criticadas quando uma das personagens diz para aquele que empunha a câmara que teria feito melhor em largar a câmara e ajudar a defender o amigo, numa clara censura do lugar daquele que produz essas mesmas imagens. Alguns dos momentos mais interessantes de **Boodan Yaa Naboodan** correspondem precisamente àqueles em que as várias câmaras parecem coincidir – a câmara da equipa de reportagem e a câmara de Kianoush Ayari –, como a sequência inicial em que Asal Badeei formula o seu pedido de ajuda para a câmara ou um posterior momento de confusão no hospital em que as duas câmaras se identificam.

São muitos aqueles que ao longo de **Boodan Yaa Naboodan** sobem ou descem as mesmas escadas – as escadas que conduzem à casa da família do noivo – com diferentes propósitos, mas é quando jovem protagonista sobe pela primeira vez tais escadas para visitar a família do homem que foi morto naquele local e se depara com uma grande dificuldade para as transpor, que nos confrontamos com aquele que para nós é o momento mais bonito do filme. Kianoush Ayari revela aqui o que pode o seu cinema no modo como parte de tal lugar com uma inclinação acentuada para o transformar num décor que acolhe uma sequência com um ritmo invulgar, em que cria uma atmosfera densa e plena de simbolismo com um mínimo de recursos. Momento em que a vida e a morte se cruzam num degrau coberto de pó e em que uma mancha tingida de vermelho quase atinge a protagonista.

Apostando na conjugação de imagens de diferentes naturezas, é ainda face a uma outra câmara (fotográfica) que termina um filme que opta pela generosidade e em que prevalece um sentimento de humanismo sobre a tradição, numa sociedade que parecia dar sinais de abertura e mudança.

Joana Ascensão